

O Inconsciente Coletivo no Filme *Como Enlouquecer Seu Chefe*

Felipe Andrade*

Introdução

Nesse texto buscaremos fazer uma análise da manifestação do inconsciente coletivo no filme norte-americano *Como Enlouquecer seu Chefe*¹ (1999), dirigido e roteirizado por Mike Judge. Na análise do inconsciente coletivo, com base no materialismo histórico², faremos uma breve discussão sobre os elementos da análise fílmica e da psicanálise freudo-marxista³. Em seguida, os elementos presentes na mensagem inconsciente de *Como Enlouquecer seu Chefe* serão expostos a fim de apresentar uma reflexão sobre eles. Por conseguinte, descobriremos as manifestações do que é reprimido e recalcado num determinado grupo social, isto é, o inconsciente coletivo expresso nessa forma de arte específica que é o cinema.

Nosso pressuposto será o processo de abstração e análise do filme. O estudo de Nildo Viana (2012) sobre o cinema fornecerá os procedimentos analíticos para chegarmos a uma análise de um determinado filme, e as contribuições da psicanálise, particularmente a freudo-marxista (VIANA, 2002; FROMM, 1969), constituem-se nas ferramentas intelectuais que possibilitam discutir a manifestação do inconsciente coletivo no filme.

Filme e Inconsciente Coletivo

Antes de iniciar uma análise da mensagem inconsciente no filme *Como Enlouquecer seu Chefe*, faremos breves considerações sobre o que compreendemos por filme e por inconsciente coletivo, conceitos que serão importantes para a reflexão que aparecerá ao longo do texto.

Em nossa perspectiva, o filme é uma produção coletiva, bem como uma forma de arte. Ele é uma obra de arte por ser expressão figurativa da realidade, o que significa que ele aponta para uma determinada percepção da realidade. Logo, o que caracteriza um filme é a criação de

* Graduado em Ciências Sociais (Licenciatura) pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e mestrando em Sociologia pelo programa de pós-graduação da UFG.

¹ O título original do filme é *Office Space*, o que pode ser traduzido como “Espaço de Escritório”, que possui um sentido diferente da tradução em português, referindo-se ao escritório que os personagens do filme trabalham. No título em português, os tradutores modificaram o sentido original, sendo que ele não traduz bem a problemática do filme em questão, já que não há nenhuma “loucura” nele.

² O materialismo histórico que fazemos referência nesse artigo foi desenvolvido por Marx (2007; 2011) e epígonos, a exemplo de Korsch (2008) e Viana (2017).

³ De forma breve, podemos dizer que a psicanálise freudo-marxista busca realizar uma síntese do pensamento de Marx e Freud. No entanto, não seria possível realizar nesse artigo uma discussão sobre a diversidade de autores freudo-marxistas e suas inúmeras teses. Por isso, remetemos o leitor à leitura daquele que consideramos o principal psicanalista freudo-marxista: Erich Fromm (1967; 1969; 1986).

um universo ficcional e o elemento fundamental dele é a sua mensagem⁴. Pode-se dizer que a mensagem é a razão de ser de um filme (VIANA, 2012). Entretanto, o que nos interessa nesse texto não é a análise da mensagem intencional, nem inintencional no filme⁵. O objetivo aqui será a análise da mensagem inconsciente que a equipe de produção de *Como Enlouquecer seu Chefe* repassou sem a consciência disso.

Para tanto, a mensagem inconsciente pode ser definida como aquela que é “repassada também inintencionalmente e como manifestação do inconsciente individual (dos vários indivíduos que são os criadores do filme, ou, em casos raros, de um indivíduo, quando o diretor é roteirista) ou coletivo” (VIANA, 2012, p. 26-27). Portanto, ela é expressão do inconsciente individual ou coletivo, sendo marginal, subterrânea na mensagem do filme. Existem também as mensagens paralelas (inintencional e inconsciente) e as submensagens (intencionais, inintencionais ou inconscientes). Estas “podem se manifestar numa cena de humor, que o diretor coloca para aliviar a tensão do filme, sendo, portanto, intencional em seu objetivo de composição, mas cujo conteúdo pode ser inintencional, inconsciente ou inintencional” (VIANA, 2012, p. 29-30).

A partir disso, segue-se que o nosso foco é o inconsciente coletivo, portanto, o procedimento para analisar esse aspecto no filme é “ver a mensagem do filme em si mesma e observar que espécie de mensagem inconsciente é repassada e, assim, descobrir sua manifestação, relacionando-a com a população ou determinados grupos sociais” (VIANA, 2012, p. 29). Diferentemente da mensagem consciente intencional que está na lógica do filme, a mensagem inconsciente é paralela, subterrânea ou marginal como foi dito anteriormente.

Após essas breves considerações sobre a mensagem inconsciente, podemos discutir a teoria do inconsciente coletivo. A formulação sobre o inconsciente coletivo foi desenvolvida por Jung e Erich Fromm. No entanto, Viana (2002) realizou uma superação de ambas as concepções, tendo como base o materialismo histórico. Para o autor, o inconsciente é o “locus das necessidades-potencialidades reprimidas” (VIANA, 2002 p. 45). Tais necessidades-potencialidades reprimidas são aquilo que forma a natureza humana, a qual é composta pela totalidade delas (VIANA, 2002).

A repressão dessas necessidades-potencialidades ocorre devido ao processo de repressão dos indivíduos na sociedade de classes. A divisão social do trabalho produz uma

⁴ Para uma discussão pormenorizada sobre os elementos constitutivos do filme, cf. (VIANA, 2012).

⁵ A mensagem intencional é aquela na qual os indivíduos envolvidos na produção de um filme quiseram enviar, enquanto que a mensagem inintencional é aquela na qual os indivíduos envolvidos na produção de um filme não tinham interesse em repassar, mas acabam fazendo de forma involuntária (VIANA, 2012).

limitação ao desenvolvimento pleno dos indivíduos. No capitalismo, o processo de exploração e dominação gera um processo intensivo de repressão social (VIANA, 2002). Dentro das relações de trabalho capitalistas, há um processo de alienação, o qual emerge na produção de mais-valor, na relação fundamental entre proletariado e burguesia, e depois generaliza-se pelo conjunto das relações sociais, gerando sofrimento e insatisfação geral (VIANA, 2002). Portanto, todos os indivíduos são afetados na sociedade capitalista, sendo que o grau de intensidade e extensão varia em questão de classe, grupo social, indivíduos concretos etc.

O produto da repressão social gera o recalçamento. Este significa que “as necessidades-potencialidades são expulsas da consciência mas não do universo psíquico, pois ela se torna uma energia represada que tenta se manifestar a todo custo” (VIANA, 2002, p. 53). A energia represada é o inconsciente que se manifesta através dos sonhos, chistes, fantasias, atos falhos etc. (VIANA, 2002). Portanto, temos que o inconsciente são as necessidades-potencialidades humanas reprimidas e recalçadas. A energia represada quando é acumulada em excesso, pode se transformar em dois fenômenos distintos: a sombra e a persona (VIANA, 2002)⁶.

No entanto, o que nos interessa aqui não é o inconsciente, mas sim o inconsciente coletivo. Assim, o inconsciente coletivo pode ser explicado como sendo constituído pelos “elementos inconscientes presentes numa determinada coletividade, num determinado grupo social (classe social, grupos raciais, étnicos, etários, sexuais etc., ou mesmo o conjunto da sociedade)” (VIANA, 2002, p. 64).

Análise da Mensagem Inconsciente no Filme

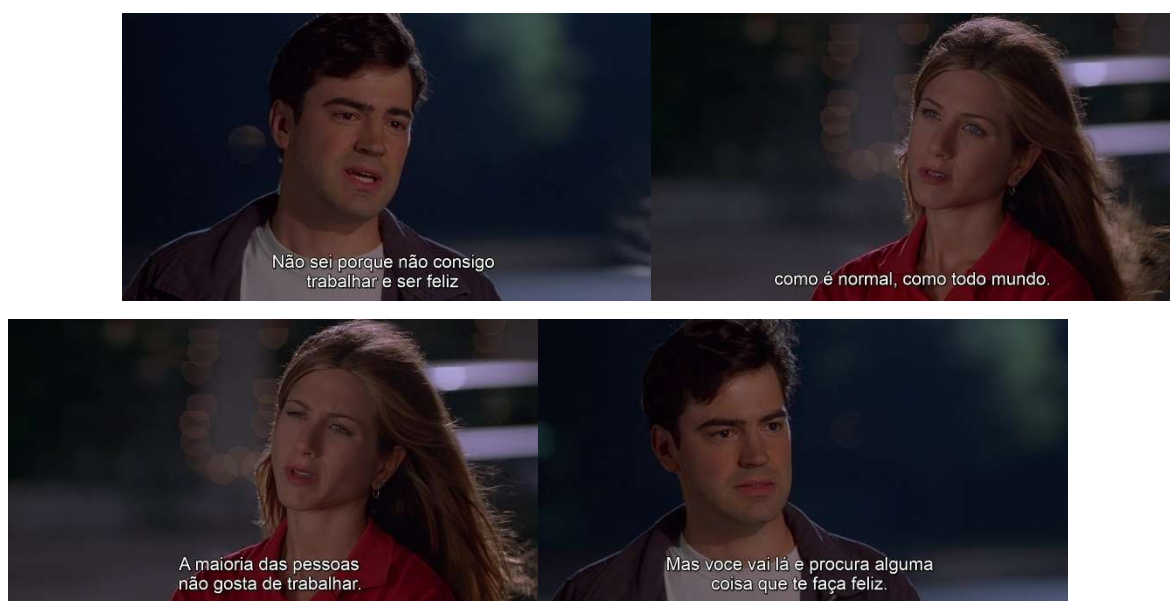
Após todas essas considerações teóricas, podemos seguir para uma análise da mensagem inconsciente no filme *Como Enlouquecer o seu Chefe*, tendo como reflexão a discussão sobre as necessidades-potencialidades humanas reprimidas e recalçadas em uma determinada classe social, que, no caso, são os trabalhadores assalariados⁷ em nossa sociedade capitalista.

⁶ A persona seria a energia construtiva; pelo contrário, a sombra seria a energia destrutiva, que pode se voltar tanto para o interior e gerar problemas psíquicos (neurose, psicose etc.), quanto para o exterior e se manifestar em ódio, agressividade etc. (VIANA, 2002).

⁷ Em nossa análise do inconsciente coletivo, utilizaremos de forma generalizada a classe social dos “trabalhadores assalariados” em nossa sociedade, sem a subdivisão daqueles que são produtivos ou improdutivos. Os trabalhadores assalariados seriam aqueles que vendem a sua força de trabalho em troca de um salário. Tal delimitação exclui, evidentemente, classes sociais como o lumpemproletariado, por exemplo, e grupos sociais, como a juventude, por exemplo.

No universo ficcional do filme, todos os personagens da trama são trabalhadores assalariados. Os principais, Peter Gibbons, Samir e Michael Bolton, trabalham em uma empresa de contabilidade chamada Initech. Outros funcionários desta empresa que possuem um relativo destaque na trama são Milton e Tom. A namorada de Peter Gibbons, Joanna, é uma garçonete que trabalha em um restaurante, e o seu vizinho, Lawrence, é operário de construção civil. O único personagem que não é um trabalhador assalariado ou proletário é o diretor da empresa Initech, chamado Bill Lumbergh. Obviamente que há outros personagens que aparecem no filme, tanto empregados da empresa Initech, do restaurante, ou até mesmo um personagem desempregado. No entanto, aqueles que citamos são os principais.

Assim, fica evidente que a mensagem inconsciente central é a perspectiva de um determinado grupo social em nossa sociedade: a posição dos trabalhadores assalariados diante do seu trabalho na sociedade capitalista. Em uma cena do filme com um diálogo entre os personagens Peter Gibbons e Joanna, ambos concordam que o trabalho não faz ninguém “feliz” e que a maioria das pessoas nessa sociedade “não gosta de trabalhar”:



Na posição desses personagens, o trabalho é visto como uma necessidade, isto é, ele é um “meio para ganhar dinheiro e não uma atividade humana significativa em si” (FROMM, 1976, p. 179). Vejamos mais de perto essa questão.

Em nossa colocação anterior sobre o inconsciente coletivo, destacamos que a natureza humana é constituída pelas necessidades-potencialidades. O problema é que existe uma repressão social, o qual gera a não satisfação daquelas nessa sociedade, isto é, ocorre a negação da natureza humana. Assim, a imaginação, a criatividade, a liberdade, entre outras potencialidades humanas não são desenvolvidas pelos indivíduos em seu trabalho. Portanto, o

trabalho é alienado. Marx, analisa criticamente a questão da alienação do trabalho em nossa sociedade:

O que constitui a alienação do trabalho? Primeiramente, ser o trabalho *externo* ao trabalhador, não fazer parte de sua natureza, e, por conseguinte, ele não se realizar em seu trabalho mas negar a si mesmo, ter um sentimento de sofrimento em vez de bem-estar, não desenvolver livremente suas energias mentais e físicas mas ficar fisicamente exausto e mentalmente deprimido. O trabalhador, portanto, só se sente à vontade em seu tempo de folga, enquanto no trabalho se sente contrafeito. Seu trabalho não é voluntário, porém imposto, é *trabalho forçado*. Ele não é a satisfação de uma necessidade, mas apenas um *meio* para satisfazer outras necessidades. Seu caráter alienado é claramente atestado pelo fato de, logo que não haja compulsão física ou outra qualquer, ser evitado como uma praga. O trabalho exteriorizado, trabalho em que o homem se aliena a si mesmo, é um trabalho de sacrifício próprio, de mortificação. Por fim, o caráter exteriorizado do trabalho para o trabalhador é demonstrado por não ser o trabalho dele mesmo mas trabalho para outrem, por no trabalho ele não se pertencer a si mesmo mas sim a outra pessoa (MARX, 1967, p. 93).

O trabalho alienado é uma relação social de controle. Logo, ele é um trabalho heterogerido (“trabalho externo”, “trabalho para outrem”), relação em que o trabalhador não detém o controle de sua atividade no processo de trabalho, mas ele é controlado e dirigido por outra pessoa (não-trabalhador). Por conseguinte, o trabalhador não se realiza no trabalho, não desenvolve suas energias físicas e mentais, mas sente-se exausto e mentalmente deprimido. Assim, o trabalho alienado na sociedade capitalista possui a sua origem no processo de produção de mais-valor, na relação entre proletariado e burguesia, mas depois se generaliza para o conjunto das relações sociais. Portanto, o trabalho assalariado é um meio para satisfazer outras necessidades que não são mais aquelas que correspondem à natureza humana.

Para Marx (1967), a relação do ser humano com a natureza e com os outros seres humanos deve expressar o ser humano em sua integralidade, através do trabalho como objetivação (práxis). O problema é que esse desenvolvimento do ser humano apenas poderá ser concretizado em uma sociedade comunista⁸. Em uma sociedade comunista haveria um modo de produção livre da divisão social do trabalho, o que permitiria o desenvolvimento do ser humano omnilateral. O ser humano omnilateral⁹ significa aquele que superou a unilateralidade

⁸ Em uma das passagens da obra *A Ideologia Alemã*, Marx e Engels destacam que em uma sociedade comunista seria possível desenvolver a essência humana autenticamente, pois a divisão social do trabalho seria abolida: “(...) Na sociedade comunista, em que cada um não tem uma esfera de atividade exclusiva, mas pode se aperfeiçoar no ramo que lhe agrada, a sociedade regulamenta a produção geral, o que cria para a mim a possibilidade de hoje fazer uma coisa, amanhã outra, caçar de manhã, pescar na parte da tarde, cuidar do gado ao anoitecer, fazer crítica após as refeições, a meu bel-prazer, sem nunca me tornar caçador, pescador ou crítico” (MARX & ENGELS, 2007, p. 28-29).

⁹ “O indivíduo omnilateral é aquele que consegue desenvolver o conjunto de suas potencialidades, ou seja, recupera em si a práxis, a objetivação, e a sociabilidade livre” (VIANA, 2004, p. 10).

que é imposta pela divisão social do trabalho. Portanto, ele consegue desenvolver o conjunto de suas necessidades-potencialidades (VIANA, 2004).

Assim, o inconsciente coletivo no filme manifesta a necessidade do trabalho como práxis, objetivação. A natureza humana se manifesta através da atividade teleológica consciente, o que, em outros termos, pode ser colocado como práxis. Por conseguinte, o trabalho seria práxis, manifestação da essência humana, em que o ser humano coloca uma finalidade que corresponde com a sua natureza, se afirmando como a forma própria dele viver (VIANA, 2017). Contudo, a práxis ou o trabalho como objetivação, no qual poderia ser realizado no interior de uma associação livre dos seres humanos, não é uma característica da sociedade de classes em que vivemos. Portanto, a mensagem inconsciente central deixa explícito que a sociedade de classes é marcada pela não-realização do ser humano.

Em uma sociedade burocrática, mercantil e competitiva, fundamentada na repressão, no qual há a ausência de liberdade, criatividade e imaginação, nada mais natural do que a existência do desejo de realização dessas potencialidades no universo psíquico dos indivíduos. Por isso, o desejo de realização no trabalho é reprimido, não se manifesta na consciência coletiva, mas sim no inconsciente individual e coletivo. Por conseguinte, tanto a equipe de produção do filme, quanto os assistentes, manifestam a necessidade inconsciente do trabalho como práxis em resposta ao mundo do trabalho alienado, o qual é burocrático, mercantil e competitivo.

Uma mensagem paralela inconsciente no filme que complementa a mensagem inconsciente central nos revela a existência do sentimento de ódio que os trabalhadores possuem em relação ao patrão (diretor, dirigente, chefe etc.). Erich Fromm exprime bem essa relação.

O caráter alienado e profundamente insatisfatório do trabalho produz duas reações: uma, o ideal da *ociosidade* total; outra, uma *hostilidade* profundamente arraigada, embora muitas vezes inconsciente, para com o trabalho e para com todas as coisas e pessoas relacionadas a ele (FROMM, 1976, p. 181).

Assim, o universo psíquico dos indivíduos mostra que há uma insatisfação consciente em relação ao trabalho, isto é, uma recusa do trabalho. Por conseguinte, isso gera a manifestação de sentimentos de hostilidade e agressividade em relação às pessoas que os indivíduos convivem em seus locais de trabalho, principalmente em relação à figura do chefe¹⁰. Tais

¹⁰ A manifestação do ódio em relação ao chefe, empresa, ou até mesmo os colegas de trabalho, pode se manifestar inconscientemente nos sonhos, como podemos assistir em determinadas cenas do filme. Tal aspecto da hostilidade ao chefe durante os sonhos foi analisado por Fromm (1986) em um dos seus relatos psicanalíticos: “Embora o homem possa ter sentido que estava em bons termos com o seu patrão, seu sonho diz-nos que ele realmente odiava o seu superior. Achava que o diretor o oprimia e o mantinha de mãos atadas. Sentiu-se impotente e à mercê do seu chefe. Essa foi a realidade que esse homem vivenciou em seu sonho. Em sua vida vígil, essa realidade estava, ao que parece, escondida dele” (FROMM, 1986, p. 67).

sentimentos são as “energias psíquicas semiconscientes que orientam a relação dos seres humanos com o mundo num sentido harmônico ou desarmônico a partir da sensibilidade” (VIANA, 2018). O caráter semiconsciente significa que ele é “derivado mais do desconhecimento das motivações para tal sentimento do que dele em si” (VIANA, 2018).

Por isso, os sentimentos de ódio e hostilidade são constituídos socialmente, mas nem sempre percebidos conscientemente para os indivíduos que os possuem (VIANA, 2018). O que existe concretamente é uma relação social de poder entre as classes privilegiadas sobre as classes desprivilegiadas. No primeiro caso, temos o chefe que é aquele que está no topo da hierarquia, o que o faz ter um maior status, poder, controle e domínio sobre os demais funcionários. Ele é o indivíduo que ocupa uma posição social acima dos outros indivíduos, o que o permite cobrar maior empenho dos funcionários, demitir qualquer funcionário na hora que quiser, delegar funções indesejáveis aos seus trabalhadores, os quais ocupam uma posição desprivilegiada, sendo dominados.

Os sentimentos antipáticos de ódio e hostilidade em relação aos outros pode gerar no universo psíquico dos indivíduos atitudes agressivas. Um quantum considerável de sombra pode produzir um indivíduo com uma neurose ou agressividade, o que depende da mais-repressão que pode ser cada vez mais extensa e intensiva na sociedade (VIANA, 2002). A mais-repressão é uma repressão excedente, aquela que excede a capacidade humana de suportá-la provocando danos psíquicos, e/ou que é vivida mais intensamente por determinados indivíduos (VIANA, 2002). Ela pode formar um “acúmulo de energia na sombra que a faz transbordar e a pessoa, em muitos momentos, deixa de ser controlada pela sua consciência e passa a ser controlada pela sua energia destrutiva” (VIANA, 2002, p. 62).

O inconsciente individual e coletivo no universo ficcional do filme expressa esse aspecto da sombra no conjunto das relações sociais em nossa sociedade, principalmente na classe social dos trabalhadores assalariados e com maior intensidade naqueles que são mais precarizados (subalternos dos estratos mais baixos, proletários dos estratos mais baixos etc.). Um exemplo disso no universo ficcional, pode ser evidenciado a partir da posição de um dos funcionários que trabalham na empresa Initech, chamado Milton. Ele é um funcionário que foi demitido há alguns anos da empresa, mas nunca foi avisado sobre essa situação. Por conta disso, ele vive sofrendo represálias do seu chefe e dos seus colegas de trabalho, o que é intensificado pela sua falta de capacidade de se impor diante das pessoas. A resolução do filme aponta para uma situação em que Milton resolve se vingar de todos os atos de violência que foram cometidos à sua pessoa, o que o leva a colocar fogo na empresa no qual trabalhava.

Em uma cena, logo após não receber uma fatia do bolo na confraternização dos seus colegas de trabalho, Milton pensa consigo mesmo sobre colocar fogo na empresa:



Em uma das últimas cenas do filme, a empresa Initech aparece pegando fogo:



Além disso, o inconsciente coletivo e individual pode manifestar a “ociosidade total”, o que significa a recusa inconsciente do trabalho. Ela pode ser consciente, quando os trabalhadores faltam ao trabalho, demoram a cumprir as suas tarefas, chegam atrasado, destroem determinados equipamentos dos locais de trabalho etc.¹¹ Ao mesmo tempo, ela pode ser inconsciente quando os trabalhadores não veem nenhum sentido no trabalho¹², nada daquilo realmente possui um significado e por isso eles não se dedicam realmente ao trabalho, sendo assim “ociosos”.

No universo ficcional de *Como Enlouquecer o seu Chefe*, podemos observar que a situação-problema central e motivo de comicidade ao longo da trama é justamente a “ociosidade total” que Peter passa a viver em sua vida, logo depois de frequentar um hipnoterapeuta. Ele começa a realizar o seu ideal de vida, o que significa não fazer coisa alguma, não obedecer a nenhuma regra, patrão, horário, tarefas etc.

¹¹ A recusa consciente pode ser denominada de “luta espontânea”. “As lutas espontâneas ocorrem no interior do capitalismo na vida cotidiana dos trabalhadores. Quando um operário realiza vagarosamente o seu trabalho (a chamada “operação-tartaruga”), quando quebra, rouba utensílios e objetos da fábrica, quando demora no banheiro, quando “mata” serviço, etc., realiza uma ação contestatária, uma recusa das relações de trabalho, enfim, uma recusa do capital” (JENSEN, 2014, p. 6).

¹² “O moderno ‘homem de organização’ pode sentir que sua vida não tem sentido, que seu trabalho o aborrece, que tem pouca liberdade de fazer e pensar como quer, que está perseguindo uma ilusão de felicidade que jamais se torna verdade. Mas se ele tivesse consciência de tais sentimentos, seria muito prejudicado em sua atuação social. Sua consciência constituiria um perigo real para a sociedade tal como está organizada, e em consequência o sentimento é recalçado” (FROMM, 1969, p. 115).

Em uma das cenas do filme, Peter expressa o desejo pelo “anseio generalizado por um estado de folga e passividade completa” (FROMM, 1976), quando responde ao seu vizinho Lawrence, que, caso tivesse um milhão de dólares em sua conta, ele não faria nada na vida:



Por fim, além da mensagem inconsciente central e da mensagem inconsciente paralela, há também uma submensagem inconsciente que pode ser vista na cena inicial do filme:



Ela remete a um problema mais amplo, não apenas restrito aos trabalhadores, como também ao conjunto da população de uma determinada sociedade que mora nas cidades, no espaço urbano. Nas cidades (e principalmente, nas grandes metrópoles) o tráfego e o congestionamento nas rodovias são um problema constante em dias de trabalho, o que se torna motivo de humor no filme. No espaço urbano há um domínio do automóvel sobre a cidade. Nas metrópoles, as distâncias percorridas são cada vez maiores, e a separação entre o local de trabalho, moradia, estudo, consumo e lazer vai se acentuando, o que torna o uso do transporte coletivo ou individual uma necessidade aos indivíduos (VIANA, 2013).

Assim, no contexto da sociedade contemporânea, o aumento vertiginoso das frotas de carros leva aos problemas urbanos, como a violência no trânsito, violência automobilística, aumento da poluição etc. (VIANA, 2013). Logo, a falta de estrutura das cidades que não comportam mais a frota existente, gera os engarrafamentos. Por conseguinte, o problema no tráfego pode gerar ansiedade e problemas psíquicos emocionais devido à tensão dos motoristas, o que leva a uma insatisfação generalizada dos motoristas, pedestres, ciclistas etc. no momento de locomoção nas cidades.

Assim, o “caos urbano” é vivenciado por diversos indivíduos que habitam o espaço urbano, sendo um fenômeno consciente. O inconsciente coletivo ou individual é manifestado como um desejo reprimido de liberdade, aquele que não é realizado no momento de deslocar de um espaço para outro. O desejo de liberdade inconsciente pode ser visto, por exemplo, nas aventuras dos super-heróis dos quadrinhos (VIANA, 2005; MARQUES, 2018). O desejo de liberdade nessas histórias em quadrinhos é representado, por exemplo, na capacidade de voar de vários super-heróis, tornando-se símbolo de liberdade e superação dos limites (VIANA, 2005), o que não ocorre no filme *Como Enlouquecer o seu Chefe*, pois ali não há nenhum herói ou super-herói que pode superar os limites e deslocar livremente de um lugar para outro. Portanto, o desejo reprimido de liberdade aparece no filme apenas como uma manifestação do inconsciente coletivo em uma de suas submensagens.

Considerações finais

O percurso analítico que seguimos no presente artigo teve como objetivo a análise da mensagem inconsciente no filme *Como Enlouquecer o seu Chefe*. Após a exposição dos conceitos de filme e inconsciente coletivo, fizemos uma análise da mensagem inconsciente central, mensagem inconsciente paralela e da submensagem inconsciente que são manifestadas no inconsciente coletivo do universo ficcional desse filme. Contudo, o processo de criação do filme *Como Enlouquecer o seu Chefe* é um processo consciente. Ao lado do processo

consciente, caminha também o processo inconsciente que a equipe de produção do filme repassou sem a consciência disso. O inconsciente individual é derivado da repressão individual, manifestada em cada obra individual, ao passo que o inconsciente coletivo é derivado da repressão coletiva devido ao mundo burocrático, mercantil e competitivo em que vivemos (VIANA, 2005).

A produção desse filme é manifestação da criatividade, potencialidade humana reprimida em nossa sociedade. Logo, o momento de liberdade e realização é controlado, pois os indivíduos não são livres para produzirem o que bem entenderem. No caso da equipe de produção de determinado filme, eles estão submetidos às grandes empresas¹³ (Warner Bros, Paramount Pictures, 20th Century Fox etc.), as quais são burocráticas e mercantis como qualquer outra. Portanto, o controle sobre os indivíduos que produzem esses filmes é um dos elementos que originam tal produção (VIANA, 2005).

Assim, a situação-problema central desse filme pode ser vista como uma necessidade de realização do trabalho como práxis, o qual é uma manifestação do inconsciente coletivo. Em conjunto com esse desejo inconsciente do trabalho como práxis, há uma recusa consciente do trabalho alienado, o que gera a relação de hostilidade ao chefe e ociosidade em relação ao trabalho. Conquanto o trabalho não permita realizar o desenvolvimento das potencialidades humanas, a maioria dos indivíduos em nossa sociedade se sentem impotentes em relação a ele. Este aspecto é manifestado como uma recusa inconsciente do trabalho por parte dos trabalhadores em nossa sociedade, os quais não se dedicam realmente ao seu trabalho, por não verem sentido nenhum nele. Em conjunto com a recusa inconsciente, há a manifestação de um quantum de repressão social nas relações de trabalho, que produz uma sombra maior em determinados indivíduos, o que pode ser canalizado em atitudes violentas ou agressivas.

Por fim, o filme também mostrou a manifestação do inconsciente coletivo no conjunto da população que mora em uma determinada cidade, geralmente nos espaços urbanos, em relação ao congestionamento no trânsito, visto em uma das suas submensagens inconscientes. Ela manifesta o desejo reprimido de liberdade dos indivíduos que moram no espaço urbano das grandes cidades capitalistas.

Dessa maneira, o nosso objetivo aqui não foi tratar da análise de todas mensagens e submensagens inconscientes no filme *Como Enlouquecer o seu Chefe*. Em síntese, o foco foi a discussão daquelas que consideramos as principais e por isso o presente artigo visou descobrir a manifestação principal do inconsciente coletivo nesse filme específico. Temos por aqui o

¹³ O filme foi produzido pela empresa 20th Century Fox.

desenvolvimento de um material analítico e informativo que possibilitará novas pesquisas sobre o tema do inconsciente coletivo nas produções fílmicas, bem como de diversas outras produções artísticas, as quais são uma das formas de manifestação daquele.

Referências bibliográficas

COMO ENLOUQUECER O SEU CHEFE. Direção: Mike Judge. Roteiro: Mike Judge. Produção: 20th Century Fox. Estados Unidos, 1999.

FROMM, Erich. *Conceito Marxista do Homem*. 4ª edição, Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

FROMM, Erich. *Do Amor à Vida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

FROMM, Erich. *Meu Encontro com Marx e Freud*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1969.

FROMM, Erich. *Psicanálise da Sociedade Contemporânea*. 8ª edição, Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

JENSEN, Karl. A Luta Operária e os Limites do Autonomismo. *Revista Marxismo e Autogestão*, Ano 01, N. 02, jul. /dez. 2014.

KORSCH, Karl. *Marxismo e Filosofia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

MARQUES, Edmilson. *Histórias em Quadrinhos: Valores e Luta Cultural*. Curitiba: Appris, 2018.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã*. 3ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

MARX, Karl. *Contribuição à Crítica da Economia Política*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

MARX, Karl. *Manuscritos Econômicos e Filosóficos*. In: FROMM, Erich. *Conceito Marxista do Homem*. 4ª edição, Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

VIANA, Nildo. *Karl Marx – A Crítica Desapiedada do Existente*. Curitiba: Editora Prismas, 2017.

VIANA, Nildo. *Cinema e Mensagem: Análise e Assimilação*. Porto Alegre, RS: Asterisco, 2012.

VIANA, Nildo. Economia Política da Violência no Trânsito. *Élisée - Revista de Geografia da UEG*, v. 02, p. 24-42, 2013.

VIANA, Nildo. *Heróis e Super-Heróis no Mundo dos Quadrinhos*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2005.

VIANA, Nildo. *Inconsciente Coletivo e Materialismo Histórico*. Edições Germinal: Goiânia, 2002.

VIANA, Nildo. Marx e a Educação. *Estudos (Goiânia)*, Goiânia, v. 31, n.3, p. 543-566, 2004.

VIANA, Nildo. *Teses Sobre os Sentimentos*. Disponível em: <http://informecritica.blogspot.com/2018/02/teses-sobre-os-sentimentos.html>. Acessado em: 14/12/2018.